

**Francisco
José
Viegas**

**Deixar
Um
Verso
a Meio**

PLURAL



**Francisco
José
Viegas
Deixar
Um
Verso
a Meio**

DEPOIS DE AS ROSAS NO JARDIM O LEMBRAREM PARA SEMPRE

É como se nos despedíssemos por vezes de tudo o que arde entre os dedos e não se separa de nós, vitrais e outras correntes que demoram o movimento das clepsidras. Quanto tempo demora o tempo a passar? O ruído das aves, os rios

que no seu destino despertam novas águas, outras aves aguardando o estio mais violento? Esse rumor não cessa, nada cessa no movimento dos barcos que lentamente se separam, lentamente se afastam dos litorais onde era doce

lembrar a primeira das despedidas. Vão sucedendo entre nós as despedidas. Mas o rumor não acaba nunca, como uma dor interminável. Que farei dela nesse instante que traz

à praia, como restos do mar, os traços da pele, os olhos, os dedos daquele que partiu? É como se nos despedíssemos e uma alegria mais intensa para sempre nos habitasse.

GAILLIMH OILEÁN (GALWAY ISLANDS)

Perde-se o grande amor, é esta a razão
que aproxima e afasta o mundo. Por isso,
nas ilhas diante de Galway
vi o rosto do céu debruçado sobre o mar,
por entre a chuva. Não encontro outra razão,
outro motivo.

VERÃO, OUTONO

Antigamente havia em mim um nome gravado a fogo e eu morria por ele. Eu fechava os olhos e o nome pedia-me a luz, a manhã, a música. Antigamente eu imaginava a delicadeza, as florestas, os bosques reduzidos ao silêncio pelos subterrâneos

da tarde, e ser tocado no rosto era ser ferido por uma imensa beleza, pelos olhos da planície, como um animal adormecido, como um lugar onde deitar a cabeça e adormecer sonhando com o deserto. No deserto eu estava a salvo, caminhando nos

declives e havia palavras imensas, palavras como o trigo e o mar e as raízes e os relâmpagos e um rosto e os campos do outono e isso era como ficar cego no meio da luz estremeando entre as poeiras, as cores da manhã, as veredas dos bosques. E eu olho

fixamente esse rosto de fogo, toco uma vez essas mãos, amo demoradamente a distância, como me perdido na sua voz, enquanto passa no mundo uma estranha ventania.

UMA DESPEDIDA EM REYKJAVÍK

Despeço-me das ruas de Reykjavík
depois de a chuva ter caído. Em breve,
com o vento frio vindo de Husavík,
será a neve a cair na avenida
mais próxima da baía.
Sente-se já esse vento, como uma
doce ameaça a pairar sobre os telhados
coloridos da cidade.
Mas, a esta hora, a neve desconhece
ainda as cores que a recebem — só o lago,
iluminado pelo luar, se abre ao céu
com a sua face transparente.

I

O primeiro som devora-o a noite, mas fica para sempre
— por ter sido a primeira das coisas comuns. Aquele
minuto, nunca o repetes. Vagamente o lembrarás mais tarde,
porque é frequente falar-se do mistério da vida. Já o esqueceste,

muitas vezes choveu sobre ele e sobre nós, os relâmpagos
não bastam para que o mundo o mostre. Chamas-lhe revelação,
ao gesto que abre os braços, o primeiro olhar que se ama
lentamente, nele cabe o silêncio anterior, as coisas que estremecem

só de terem um nome, uma sombra, um modo de adormecer.
A partir daí, do primeiro som, tudo recomeça enquanto o dia
se não curva; repousando, agora, ela perfuma a vida. Haverá outra

maneira de descrever todas as coisas que nascem assim — mas
esta basta, é a mais simples. A mais amada das coisas cede
o seu lugar por esse minuto, esse som, o gesto que abre os braços.

LENDO O QUE ESCREVES

Alguém lê o que escreves, triste consolação,
pálida alegria, caindo a tarde sobre as coisas.
A vida perfeita vem do outro lado do mar,
como uma frase que nunca foi dita, amável
claridade que os seus olhos nunca atormentam;
não têm fundo. A vida perfeita é breve.

Cada palavra é um resumo — e, em cada palavra,
quanto deixas de teu?, quanto delas se perde
nas florestas? O silêncio protege-te de ti mesmo,
guarda os dias para os grandes passeios
entre as fronteiras da terra distante, onde a luz
te espera; guarda qualquer coisa nesse espaço

em branco do teu coração. Quantas noites
o que escreveste se perdeu — sem saberes, afinal,
que para ela escrevias? Tentação quando a tua
natureza cede e a vida regressa para que tu fales,
alguma vez falando de amor, quase sem respirar.
Que não esteja nos teus braços, mas que se aproxime,

como o calor da ventania, os passos da areia, a sede
de outra sede igual. Como saberias que o amor existe
longe da sua pele? Se escreves, sobre isso escreves,
e dizes o nome dos planetas, das feridas. Esperas
que venha esse sinal e te chame enquanto a noite
não sabe de que lado está, nem de que lado dorme.

O TIO LUÍS

Agora, enterrar os mortos, devolvê-los à terra —
os mais novos envelhecem um pouco, o rosto
procura ser parecido com o dos seus maiores
para que uma sombra, sequer uma sombra,

permaneça entre nós. O meu tio deu a volta
ao mundo; agora está a dois passos da casa
onde nasceu, como se regressasse àquela paz
de freixos, choupos, olmos, muros em ruínas

vistos do alto da serra, prolongando as colinas
até à aldeia. Enquanto escurece ouve-se o ruído
das fontes, e o das cancelas, abertas para o vale.

Deixamos os mortos entregues ao tempo, à poeira,
ao destino. A terra conserva esta sabedoria cruel —
recebe como dádivas todas as nossas recordações.

AS CEREJAS DE CHAOYANG

Há poucas coisas tão completas como chegar
a casa ainda de dia, ou passear no bairro sem destino
nem aquele vapor empurrado pela ventania,
comprar cerejas no mercado, não repetindo o caminho
que lembra a ideia de passar um verão sem ti.
Cansados, sentamo-nos diante de papéis comprados
na rua. Agradeço o teu olhar — «Vem cá», como quando
me levaste da primeira vez, com aquele rosto
de musa romântica, a ver o pôr do sol à beira do rio.
Respira da mesma forma, mostra devagar a pele,
recorda essa música, repete só em segredo
o pequeno atlas que resume toda a tua história,
eu agradeço a chuva antes de chover em Chaoyang
e uma luz tão brava que nos salva do medo.

NOTA DO AUTOR

Volto a repetir o que escrevi em anterior reunião destes e de outros versos, sempre mais antigos uns do que outros: que há neste gesto alguma vaidade desnecessária e, ao mesmo tempo, a sensação de que se sobrevoou uma parte do deserto. Não há emendas adicionais — os versos são o que foram, não tenho desculpa.

Devo alguns agradecimentos, que são pessoais, exceto dois: aos meus editores de poesia, Zeferino Coelho e Jorge Reis-Sá. A Zeferino Coelho, da Editorial Caminho, decano de editores, mestre, leitor maravilhoso — e cheio do seu riso amável —, agradeço o muito que aprendi e que todos lhe deveremos pela vida fora. Ao Jorge, que tem sido um editor resistente e amigo de várias circunstâncias, agradeço ter sempre reunido os meus poemas, que andavam soltos e sem propósito. Com ambos aprendi também a ser grato.

Julho de 2019

COLEÇÃO

PLURAL

POESIA

Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos xx e XXI que foi Vasco Graça Moura.

DEIXAR UM VERSO A MEIO
Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda
© Francisco José Viegas

Direção literária: Jorge Reis-Sá
Capa e *design* de coleção: André Letria
Revisão: Mário Azevedo
Paginação: Magda M. Coelho

Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro
e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo)
e Geltex 111LS Branco (capa)

ISBN: 978-972-27-2794-5
Depósito legal: 458 497/19
Código de edição: 1023408
1.ª edição: julho de 2019

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
prelo.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Francisco José Viegas nasceu em 1962. Escritor, jornalista e editor, foi também professor, diretor das revistas *LER* (que mantém) e *Grande Reportagem*, e da Casa Fernando Pessoa. Colaborou em vários jornais e revistas, e foi autor de diversos programas na rádio e na televisão. Da sua obra destacam-se livros de poesia – entre eles, *Metade da Vida*, *O Puro e o Impuro* e *Se Me Comovesse o Amor* – e de ficção – como *Regresso por um Rio*, *As Duas Águas do Mar*, *Um Céu Demasiado Azul*, *Um Crime na Exposição*, *Um Crime Capital*, *Lourenço Marques*, *Longe de Manaus* (Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores 2005), *O Mar em Casablanca*, *O Colecionador de Erva* e *A Poeira Que Cai sobre a Terra*. A maior parte dos seus livros está publicada no estrangeiro. Escreveu também crónica, teatro, livros de viagem e gastronomia. Foi Secretário de Estado da Cultura no XIX Governo. É atualmente editor da Quetzal, diretor da revista *LER* e mantém, desde 2008, uma coluna diária no *Correio da Manhã*. Os seus livros policiais popularizaram a figura do detetive Jaime Ramos.

M
I
N
A
C
I
O
N
A
L

COLEÇÃO PLURAL POESIA



ISBN 978-972-27-794-5